

Não pagar os juros da dívida externa foi o que evitou a “quebra”

BRASÍLIA — A avaliação que a equipe econômica do governo faz hoje da moratória é que a medida foi positiva e evitou que o país quebrasse, como ocorreu em 83. Nestes cinco meses em que está em vigor, passado o temor inicial de represálias dos bancos credores, o resultado imediato da suspensão do pagamento dos juros aos bancos privados, na avaliação de um alto funcionário do governo envolvido na negociação da dívida, foi a manutenção das reservas cambiais do país.

Existe um consenso na atual equipe econômica que a moratória declarada em fevereiro deste ano era a única saída possível dentro de um quadro dramático da economia, quando as reservas cambiais do país caíram, em pouco mais de um ano, de 7,2 bilhões de dólares (registrado em janeiro do ano passado) para 3,2 bilhões de dólares, em fevereiro deste ano.

— Era uma emergência. OU se fazia a moratória enquanto restava algum dinheiro em caixa ou acabaríamos tendo que parar de pagar sem reserva alguma — analisa este funcionário do governo.

Quando o presidente Sarney foi avisado pelo ministro Dilson Funaro sobre os níveis a que as reservas tinham caído, concordou que não havia outra saída senão a declaração da moratória. Um parlamentar ligado ao presidente confidenciou que, na época, Sarney ficou bastante irritado com seu ministro, pois tinha solicitado a Funaro que fosse avisado quando as reservas chegassem aos 5 bilhões de dólares.

Com as reservas em 3,2 bilhões de dólares, a balança de pagamento em baixa, registrando os menores saldos da história do país, o governo entendeu que se não houvesse a moratória dentro de dois ou três meses as reservas se esvaziariam completamente. Na época, segundo avalia este funcionário, não havia outra saída e o Brasil optou por suspender apenas os pagamentos de juros dos bancos privados, já que alguns organismos internacionais como o Banco Mundial (BIRD) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) continuavam liberando recursos para o país.

A análise que se faz agora, segundo a fonte, é que provou-se que a moratória não é o fim do mundo e não houve qualquer retaliação por parte dos bancos. É claro, explica este funcionário, que ninguém — nem o Brasil nem os credores estão satisfeitos com esta situação — mas hoje o governo tem o trunfo de manter suspensos os pagamentos até que se chegue a uma negociação mais efetiva.

Com a suspensão do pagamento dos juros aos bancos privados — o Brasil continuou pagando fretes, seguros, transportes aéreos, juros às entidades de crédito oficial, bônus — o país economizou, mensalmente, 400 milhões de dólares. Com a recuperação da balança comercial a partir de maio, que segundo estimativas da Cacex deverá registrar saldos de 1 bilhão até o final do ano, a avaliação da área econômica é de que, caso o Brasil não faça acordo com os credores e mantenha a moratória, as reservas cambiais do país poderão chegar, até o final do ano, a 7 bilhões. Isto com o pagamento de todos os outros compromissos como vem sendo feito até agora.

O Brasil, por outro lado, está numa posição bem mais confortável do que em fevereiro, quando foi obrigado a declarar a moratória. Agora, segundo este funcionário, o Brasil tem condições de voltar a pagar pelo menos 100 a 120 milhões de dólares por mês de juros aos bancos privados. Além disso, os saldos da balança comercial estão bastante favoráveis, o que fortalece a posição do governo brasileiro na mesa de negociações.